



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

SARAH CATARINA JALES DE ARAÚJO

O ESTREITO DE TAIWAN: a disputa entre EUA e China visando o controle da região

BRASÍLIA
2022

SARAH CATARINA JALES DE ARAÚJO

O ESTREITO DE TAIWAN: a disputa entre EUA e China visando o controle da região

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Professor Lucas Soares Portela

BRASÍLIA
2022

SARAH CATARINA JALES DE ARAÚJO

O ESTREITO DE TAIWAN: a disputa entre EUA e China visando o controle da região

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Professor Lucas Soares Portela

BRASÍLIA, 11 DE NOVEMBRO DE 2022

BANCA AVALIADORA

Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

O ESTREITO DE TAIWAN: a disputa entre EUA e China visando o controle da região

Sarah Catarina Jales de Araújo

Resumo

Este artigo, tem por objetivo analisar a disputa entre China e Estados Unidos em relação a região de Taiwan sob uma ótica realista através dos conceitos de Hans Morgenthau e Mearsheimer, evidenciando o sentimento de pertencimento dos taiwaneses em relação à China através de dados e fatos históricos. Como metodologia, foi utilizado uma revisão bibliográfica de livros, periódicos e artigos científicos. Ao final, pode-se concluir que as duas potências possuem interesses políticos na região com o intuito de expandir sua influência e poder político, descartando os interesses e o bem-estar dos indivíduos que habitam em Taiwan.

Palavras-chave: China; Taiwan; EUA; Ásia.

Sumário

Introdução. 1 Taiwan e suas Origens. 2 Sentimento de pertencimento de Taiwan. 3 Interesse norte americano na região de Taiwan. Considerações finais.

INTRODUÇÃO

A pequena ilha formosa de Taiwan, desde sua descoberta, sempre foi palco de grandes disputas. As causas do movimento separatista que acontece na região vêm de longa data, conforme seu território foi sendo ocupado por diversos países orientais e ocidentais ao longo dos anos. Todavia, esse processo se intensificou nos anos de 1945 e 1950 quando a China retomou o poder da ilha que até então era ocupada pelos japoneses. Sob o contexto da Guerra Fria, o mundo se via dividido entre comunistas e capitalistas e com Taiwan e China não foi diferente, se dividindo entre continente e ilha. Desde então, Taiwan tem lutado contra a sua integração territorial e política com a China.

O primeiro capítulo do presente artigo, tem como objetivo contextualizar as questões históricas da região de Taiwan e o início do conflito do estreito, evidenciando as colonizações sofridas pela ilha e as ações tomadas por cada nação que a ocupou, a análise é feita seguindo a ótica dos princípios realistas apresentados por Hans Morgenthau em sua obra, a Política entre as Nações. Através dos fatos históricos apresentados, o segundo capítulo busca exemplificar, por meio dos conceitos elaborados por Melissa Brown e Kathryn Woodward, sobre o sentimento de pertencimento dos indivíduos, como a população taiwanesa se identifica em relação ao território chinês. Trazendo também os conceitos apresentados por Robert Sack em relação a territorialização, numa tentativa de explicar os motivos por trás dos movimentos separatistas que aumentam a cada dia na região de Taiwan.

Para o continente asiático, a “questão de Taiwan” é um tópico bastante sensível que possui o poder de modificar o *status quo* de toda região. No decorrer do ano de 2022, após a visita de Nancy Pelosi, então Presidente da Câmara dos deputados dos Estados Unidos, a Taiwan, fez com que as tensões entre a China e Estados Unidos aumentassem fazendo com que o governo chinês realizasse exercícios militares no estreito de Taiwan, como uma forma de protestar seu descontentamento com a visita.

A partir destes acontecimentos, o terceiro capítulo foca no relacionamento entre China e Estados Unidos e no jogo de poder que as duas potências realizam na ilha de Taiwan, utilizando da análise feita por Mearsheimer sobre a relação dos dois países, evidenciando os principais pontos levantados pelo autor. A partir destas análises, o artigo tem como finalidade expor as dificuldades que o conflito traz para o ambiente internacional e para a população de Taiwan, focando nos desafios que a China e Taiwan enfrentariam caso os territórios fossem anexados, ou não.

1 TAIWAN E SUAS ORIGENS

A ilha de Taiwan desde a sua descoberta teve seu território ocupado por diversos países ao longo de sua história, originalmente a ilha foi povoada pelos então chamados "aborígenes", provenientes do sudeste asiático chinês, mas nunca de fato tiveram o controle de sua região, sendo marginalizados e oprimidos pelos seus colonizadores vigentes, o que fez com que essa população não conseguisse de certa forma se desenvolver e encontrar sua própria identidade. (BENG, 1962) De 1624 até 1661, Taiwan foi ocupada pelos holandeses, em seguida a China tomou o poder por aproximadamente dois séculos até 1895, quando o Japão invadiu o território.

On the other hand, the aborigines in Taiwan have, since the era of the great voyages, been continuously oppressed and isolated from the modern civilization, and consequently have not been able to develop and refine unique traditional cultures (BENG, 1962, P.5).

Taiwan foi uma colônia japonesa por 50 anos, a China cedeu o território após o conflito em relação à Coreia. Em uma tentativa de se opor à colonização, os líderes taiwaneses proclamaram independência e estabeleceram a República de Taiwan, a primeira república da Ásia. O esforço acabou sendo falho fazendo com que a república se mantivesse apenas por dez dias, não possuindo uma centralidade no governo capaz de desafiar o exército japonês. Não havia, de certa forma, uma oposição clara ao domínio japonês visto que a

população se encontrava em uma conflituosa crise de identidade por diferenças étnicas entre si, desejando apenas que a qualidade de vida na ilha melhorasse. (COOPER, 2003)

Por um lado, a política colonial japonesa foi benéfica para ilha tendo como objetivo o desenvolvimento econômico que fez com que seu comércio exterior crescesse significativamente, por outro lado, o crescimento econômico beneficiou não só os habitantes da ilha, beneficiando também o Japão gerando uma dependência de Taiwan com o Japão. (COOPER, 2003). Em relação ao aspecto cultural, pouco se pensou a respeito aos costumes e do sentimento identitários daquela civilização, nas escolas era ensinado apenas o japonês ignorando a língua chinesa e o dialeto taiwanês, além da segregação dos japoneses que residiam separadamente dos outros cidadãos. (COOPER, 2003)

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Taiwan voltou a fazer parte da China contudo não se tornou uma província chinesa como era esperado pelos governantes, para muitos, Taiwan foi considerada traidora por não ter se oposto ao controle japonês além de não falar a língua nacional chinesa.(COOPER, 2003) Na visão dos taiwaneses, o governo nacionalista Chines não foi benéfico para a ilha visto que o bem estar social decaiu drasticamente, seus prédios foram depredados e houve até uma escassez de alimentos visto que os nacionalistas se apossavam de seus grãos para alimentar o exército nacionalista que lutava contra os comunistas, além do retorno de diversas doenças que antes haviam sido erradicadas. (COOPER, 2003)

Ao final de 1949 o exército nacionalista já havia sido derrotado praticamente em todo território chinês, fazendo com que grande parte do exército de Chiang Kai-shek, líder do partido nacionalista chinês, encontrasse refúgio em Taiwan. A ilha teve que suportar cerca de 1,5 milhões de pessoas em um momento que sua economia e condições sociais não iam muito bem, no entanto, apesar de não apoiarem o governo nacionalista os taiwaneses não viam outra saída a não ser aceitá-los pois serem dominados pelas forças comunistas estava fora de cogitação. (COOPER, 2003)

Apesar de por muito tempo não demonstrar interesse em Taiwan ou até considerá-la parte do território chinês, em 1950, Mao Tsé-Tung decide elaborar um plano de invasão da ilha, contudo seu plano não foi bem-sucedido visto que a frota norte americana se deslocou para o estreito de Taiwan a fim de protegê-los da invasão. O governo nacionalista se aproveitou dessa investida americana para introduzir reformas políticas com intuito de criar um governo mais honesto e eficiente além apresentar uma tentativa de implementar medidas mais democráticas, esse conflito ficou conhecido como a primeira crise no estreito de Taiwan. (COOPER, 2003)

Taiwan acabou se tornando um foco para as Nações Ocidentais dado que a posição da China não era bem-vista por alguns países, Chiang Kai-shek recebeu uma assistência econômica e militar por parte dos EUA fazendo com que o governo nacionalista promovesse o desenvolvimento econômico da ilha além da reforma agrária. Essas investidas dos nacionalistas fizeram com que Taiwan ganhasse um pouco de reconhecimento e respeito no cenário internacional e apesar de o governo norte americano ter ajudado Taipé a se defender da China, os EUA não desejavam tomar lados querendo apenas que não houvesse embate entre as duas, mas de certa forma, pendendo um pouco para o lado de Taiwan. (COOPER, 2003)

Essa ajuda externa dos Estados Unidos para com Taiwan pode entrar em contraste com a situação da Polônia na Guerra Fria, onde o governo americano concedeu uma série de empréstimos para a Polônia, que na visão de Morgenthau seria uma estratégia para tais países conseguirem se desenvolver a ponto de conquistar uma menor submissão que no caso polonês era a União Soviética e para Taiwan é a China. (MORGENTHAU, 2003)

Em suma, o alvo da política americana com relação a Polônia consiste em circunscrever a influência e o poder soviético na Europa Central e Oriental, ao mesmo tempo em que busca aumentar a influência dos Estados Unidos naquela área. (MORGENTHAU, 2003, p. 59-60)

Mesmo após o fim da ajuda externa dos EUA, Taiwan continuou a crescer se tornando um destaque internacionalmente, afastando-se cada vez mais dos ideais chineses, abrindo sua economia e se aproximando das ideias democráticas que começaram a ser implantadas de forma gradual pelo governo, fazendo com que os países ficassem divididos em relação a quem era o representante da China. Apesar de todo o reconhecimento, a República Popular da China era a representante oficial da China na Organização das Nações Unidas, internacionalmente essa dinâmica era vista como “Duas Chinas” onde ambos os governos pareciam estar de acordo.

Esse cenário mudou em 1969 quando a relação entre China e EUA se estreitou devido a Guerra do Vietnã e o conflito na fronteira sino-soviética, sua aproximação era vantajosa para ambas as partes, em 1971 a República Popular da China foi admitida nas Nações Unidas enquanto a República da China foi expulsa, esse acontecimento fez com que Taiwan sofresse uma quebra de diversos laços diplomáticos com as nações que mantinha relação até então. Em 1972 o então presidente dos EUA visitou Pequim, onde assinou o Comunicado de Shangai, do qual oficializava, uma cooperação bilateral entre os dois países. (MENDES, 2004)

Em dezembro de 1978, o Presidente Jimmy Carter anunciou que os Estados Unidos romperiam relações com Taipé, abandonando a política de “uma China, uma Taiwan” ou “duas Chinas” reconhecendo a existência de apenas uma China, a República Popular da China, o presidente norte americano afirmou também que a “questão de Taiwan” deveria ser resolvida de forma pacífica. Embora Taiwan houvesse perdido grande parte de seu apoio, a perda dos laços com a grande potência foi de fato, avassaladora visto que a ilha seria ilegítima sendo isolada do âmbito internacional, podendo ser obrigada a fazer parte da China. (MENDES, 2004) Contudo o congresso americano reformulou a decisão e aprovou o "Taiwan Relations Act" em 10 de abril de 1979 demonstrando apoio à ilha. A relação norte-americana com Taiwan tornou-se um caso incomum visto que Washington estabeleceu relações de defesa com outro agente estatal através de uma organização privada, o The American Institute in Taiwan.

Com o fim da lei marcial em 1987 deu-se início a abertura política da República da China, Lee Teng-hui, que até então era vice-presidente, assumiu a presidência após a morte de Chiang Ching-kuo e liderou Taiwan para uma nova etapa em sua política internacional. No início do ano de 1990, Taiwan foi se afastando da ideia chinesa de unificação e passou a buscar seu próprio espaço no âmbito internacional. Para os líderes chineses, estava claro que Taiwan estava em busca de sua independência e como consequência, no final dos anos 1990 a China iniciou o processo de modernização de seu poderio militar além de ratificar a Lei Antissecessão a qual expõe que Pequim não reconhece Taiwan como um Estado independente. (CARRIÇO, 2015)

A república da China constituiu de forma gradativa um fenômeno conhecido como “taiwanismo” do qual expõe uma identidade nacional, o crescimento de sua economia e o bem-estar social foram imprescindíveis para propagar essa ideia e esse sentimento nacionalista. (MENDES, 2004) Esse tipo de pensamento era necessário principalmente por conta da grande diversidade étnica existente no território, sendo possível conseguir um apoio da população caso Taiwan decidisse investir em sua independência. Uma ideia de que até meados de 1990 era muitas vezes censurada, passou a ser normalizada entre os cidadãos principalmente nos períodos de tensão no estreito.

Tal fenômeno pode ser visto, pela ótica realista de Maquiavel e Morgenthau, como uma forma de alcançar o apoio além de facilitar o controle da sociedade por parte dos governantes. Para Maquiavel, é necessário cativar o povo para que assim eles sejam fiéis ao seu governante e estejam de prontidão para protegê-lo. “Quando o povo é inimigo, um

príncipe jamais pode estar garantido, por serem muitos os que compõem o povo”. (MAQUIAVEL, p. 53)

Mesmo com a democratização de Taiwan, os líderes da RPC não descartaram o pensamento de unificação, contudo partiu-se para uma abordagem pacífica com o intuito de resolver as diferenças através do diálogo. Para isso, foram criados Conselhos de Unificação ao qual se responsabilizava de mediar o conflito entre os dois, além de negociações futuras, para o governo chinês já era uma realidade a ideia de “Uma China, dois sistemas” onde as duas entidades poderiam coexistir de forma pacífica, no entanto sempre deixando claro que era uma ideia temporária e que seu objetivo era que a unificação ocorresse de forma gradativa. (MENDES, 2004)

Em 1995 o Presidente Chinês Jiang Zemin apresentou suas intenções através de uma política de unificação que se intitulava “Oito pontos”, em seu discurso o presidente proferiu que a RPC era contra a uma Taiwan independente e que seu objetivo de “Uma só China” seria conquistado de forma pacífica, Pequim também não se opunha a Taipé realizar acordos bilaterais desde que estes não apresentassem uma ideia de reconhecimento da ilha, o presidente Chinês tentou prontamente ganhar a confiança da sociedade taiwanesa assegurando que seus direitos seriam protegidos. Seu discurso foi rejeitado pelo Presidente de Taiwan, Lee Teng-hui, que em 1995 fez uma visita formal aos EUA causando protestos da diplomacia chinesa. (MENDES, 2004)

A visita de Lee Teng-hui aos EUA foi o estopim, pois de acordo com o governo norte americano a visita não tinha um cunho político, porém para a China isso não seria verídico já que os EUA concederam um visto para o presidente, algo que não era feito desde 1979. Outro ponto, foi o discurso feito pelo presidente taiwanês o qual destacou as realizações econômicas de Taiwan além de pedir um maior reconhecimento da ilha no âmbito internacional. Para o governo chinês, sua viagem teria sido motivada por interesses eleitorais visto que a primeira eleição direta para presidente seria realizada no início de 1996. (COELHO, 2007) Como resposta, Pequim passou a cancelar encontros oficiais com os EUA além de pedir o retorno do representante diplomático chinês que residia em Washington. A resposta de cunho diplomático não seria suficiente para Pequim visto que entre 21 e 28 de julho, lançou uma série de mísseis no estreito de Taiwan. (COELHO, 2007)

Taiwan respondeu com a realização de exercícios navais no norte da ilha. O presidente taiwanês discursou na Assembleia Nacional afirmando que Taiwan necessitava aumentar sua capacidade militar a fim de impedir as investidas chinesas, além de declarar que as forças armadas efetuariam outra grande operação no estreito. No dia 11 de agosto, Pequim divulgou

uma série de manobras militares, já como resposta, Washington apenas afirmou que tais manobras não eram condizentes com a manutenção da paz e da estabilidade na região. Entre 15 e 25 de agosto, o Exército chinês realizou a segunda onda de lançamento de mísseis, em uma área de impacto a 150 km ao norte de Taiwan. Entre os exercícios incluíam-se simulações de ataques anfíbios e bombardeios aéreos, e mobilizaram 20 navios de guerra e cerca de 40 aeronaves. (COELHO, 2007)

Não o bastante, em 15 de novembro, poucas semanas antes das eleições legislativas de Taiwan, foram feitos novos exercícios militares por parte de Pequim e outros em março. Para o governo norte americano, essas investidas eram uma forma de testar o compromisso de Washington com a defesa de Taiwan, que assim decidiu enviar porta-aviões para a costa leste de Taiwan. (COELHO, 2007) Essa ação deixou uma tensão entre China e EUA, para Pequim principalmente, que se sentiu humilhada já que não teria o poderio militar para combater as aeronaves americanas, expondo assim sua fragilidade naval. A ação militar norte-americana tinha como estratégia, dissuadir a RPC e demonstrar a ela que os EUA estavam dispostos a recorrer às armas para impedir a unificação forçada de Taiwan. (COELHO, 2007)

O conflito perdura atualmente visto que a questão de Taiwan nunca de fato foi resolvida. Em contraste com o que ocorreu nos anos de 1990, em agosto de 2022 a Presidente da Câmara dos Deputados norte-americana, Nancy Pelosi, visitou Taiwan afirmando que a visita a delegação “honra o compromisso inabalável dos Estados Unidos em apoiar a vibrante democracia de Taiwan”. Tal visita gerou uma resposta extremamente negativa de Pequim que enviou, pela primeira vez, seu maior navio de patrulha além de colocar aviões para voar perto da ilha.

Na visão realista de Hans Morgenthau, a política internacional constitui-se em uma luta pelo poder entre as nações. No âmbito internacional, se faz necessário o exercício desse poder para que a força política de uma nação seja reconhecida, portanto, partindo deste princípio é de se esperar que as atitudes tomadas tanto pela China como pelos Estados Unidos é uma tentativa de ter sua força e poder reconhecidos. Entretanto, quando o exercício desse poder se difere para a violência física como foi o caso da China para com Taiwan, temos ali como pontua Morgenthau a “abdicação do poder político em favor do poder militar ou pseudomilitar”. (MORGENTHAU, 2003)

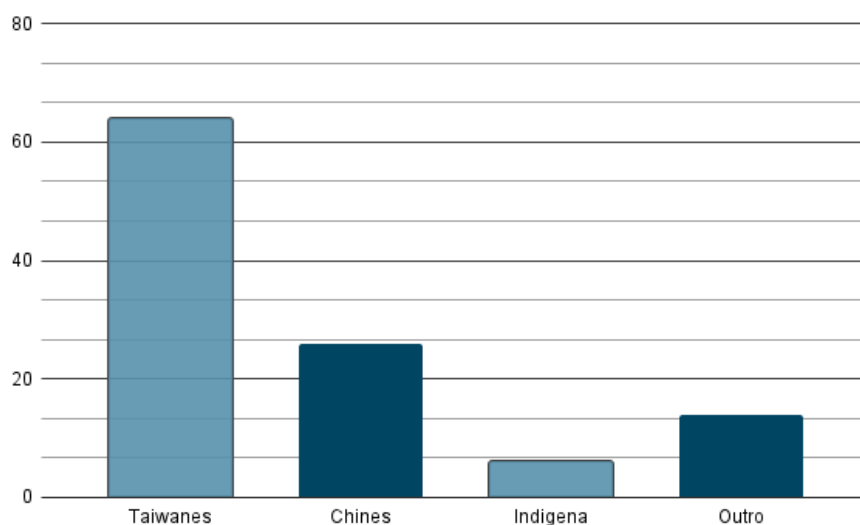
Para Morgenthau, quando uma nação demonstra seu poderio militar, ela tem como objetivo político fazer com que as outras nações não queiram utilizar da força militar. (MORGENTHAU, 2003) Contudo, no caso deste conflito em específico a atitude chinesa nos anos de 1990 acaba sendo falho dado que o território de Taiwan é protegido pelos Estados

Unidos e este possui uma força militar superior à chinesa, porém na atualidade o poderio militar chinês teve uma melhora significativa causando uma tensão aos americanos criando um cenário de corrida armamentista.

2 SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DE TAIWAN

Apesar de China e Taiwan compartilharem as mesmas raízes étnicas, é possível dizer que todos são chineses? Em uma pesquisa realizada pela Segurança Nacional de Taiwan, apresenta que 64% dos entrevistados se identificam como taiwaneses, enquanto cerca de 26% se identificam como chineses e 6% como indígenas.

Gráfico 2.1 – Porcentagem de identificação da população de Taiwan



Fonte: Elaboração própria baseada em Segurança Nacional de Taiwan (2020)

Parte dessa ideia e consciência de uma identidade nacional se deu principalmente pelo processo de democratização que ocorreu nas décadas de 1980 e 1990. Ainda que essas duas sociedades possuam as mesmas raízes, sua história não é a mesma. Um dos pontos usados pelos chineses sobre a unificação de Taiwan, é o fato de que a ilha possui raízes étnicas chinesas portanto essa seria pertencente à China, porém por mais que a ilha reconheça e aceite essas raízes, grande parte de sua população afirma não ser chinesa. Desde a democratização de Taiwan, os líderes passaram a reivindicar a soberania em relação à base

social de sua identidade. Em seu livro, *Is Taiwan Chinese*, Melissa Brown evidencia que é comumente aceito a ideia de que a identidade parte de um pressuposto étnico de ancestralidade de um povo, contudo não é somente pela cultura ou ancestralidade que se une um grupo étnico ou uma nação. Essa identidade pode ser afirmada com base na vivência social em comum dos indivíduos, inserindo sua experiência econômica e política. (BROWN, 2003)

No livro *Identidade e Diferença*, Kathryn Woodward e Stuart Hall expõem que a identidade é demarcada pela diferença com o “outro”, tratando-se do conflito da antiga Iugoslávia entre Sérvios e Croatas, os autores retratam uma história sobre identidade, que apesar de compartilharem o mesmo local e inúmeros aspectos da mesma cultura, os dois povos se veem de forma totalmente diferente mostrando que a identidade é relacional, explicitando que para a identidade sérvia existir é necessário a existência da identidade croata. (WOODWARD, 2003)

Essa identidade é marcada também pelos símbolos presentes na sociedade, no texto é utilizado o exemplo dos cigarros usados pelos dois povos, onde de um lado é usado cigarros sérvios e do outro, cigarros croatas, apesar dos dois serem apenas cigarros, portanto é perceptível a existência de uma associação entre a identidade da pessoa as coisas que ela usa.

Assim, a construção da identidade é tanto simbólica como social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais: neste exemplo isso é visível no conflito entre os grupos em guerra e na turbulência e na desgraça social e econômica que a guerra traz (WOODWARD, 2003 p. 10).

Outra forma dos povos reivindicarem sua identidade é através de seus antecedentes históricos. No caso de Taiwan, os taiwaneses não compartilharam das mesmas vivências do povo chinês visto que foram colonizados por diferentes nações como foi apresentado no capítulo anterior. Tais especificidades como o sistema político do país também influenciam a criação de sua identidade, a realidade taiwanesa é que sua sociedade percorreu um período de instabilidade política causando uma crise em sua identidade, uma hora se viam sob domínio japonês e no outro chinês, até mesmo sua língua sofreu alteração durante esse período.

Foi através do taiwanismo que os residentes de Taiwan passaram a ter uma ideia mais nacionalista, abraçando uma identidade e identificação pelo território. Woodward evidencia que essa identidade é algo relacional sendo evidenciada por uma diferença, ideal, material ou simbólica, sendo que o simbólico retrata algo material sobre essas sociedades como um

uniforme ou bandeira, afirmando essas identidades através de sistemas representacionais. (WOODWARD, 2003)

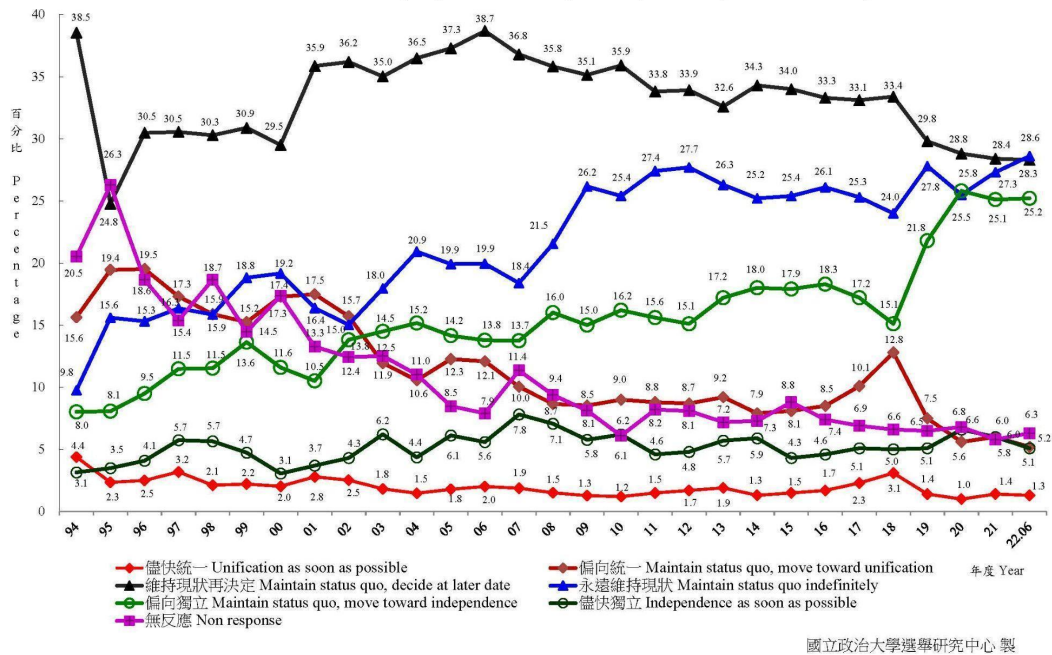
Assim sendo, os taiwaneses e chineses possuem semelhanças, contudo são as diferenças que os fazem pertencentes a determinada sociedade, como por exemplo a distinção entre suas bandeiras, símbolos nacionais e sistemas políticos. É por meio desses significados que são elaborados por essas representações que os indivíduos encontram o sentido à experiência de “ser”, tanto os discursos como os sistemas políticos constroem um meio ao qual o indivíduo possa se posicionar e expressar suas opiniões. (WOODWARD, 2003)

Um exemplo recente de demonstração da nacionalidade taiwanesa é o caso da patinadora Huang Yu-ting. Huang postou em janeiro de 2022 um vídeo de seu treinamento em suas redes sociais, neste vídeo, a atleta estava vestida com o uniforme do time Chines despertando uma grande insatisfação por parte da população de Taiwan que verbalizou contra a atleta. O ocorrido, que para alguns não seria algo tão grave, fez com que o financiamento olímpico de Huang, ofertado pelo governo, fosse cortado, sendo considerado como um desrespeito para com o governo taiwanês e sua população.

Uma pesquisa realizada pelo Election Study Center (Centro de Estudos eleitorais) da Universidade Nacional de Chengchi mostra como a ideia de independência por parte de Taiwan aumentou entre os cidadãos taiwaneses, para muitos, Taiwan já é independente. O que pode ser um forte motivo para a ilha não prosseguir por esse caminho é a perigosa reação por parte da China que deixa bem claro que não irá aceitar tal feito.

Gráfico 2.2 – Mudanças de Unificação em Taiwan.

臺灣民眾統獨立場趨勢分佈 (1994~2022.06)
 Changes in the Unification - Independence Stances of Taiwanese
 as Tracked in Surveys by Election Study Center, NCCU (1994~2022.06)



Fonte: Election Study Center, National Chengchi University (2022)

Partindo da ideia de que Taiwan e China possuem sistemas políticos distintos, o governo chinês apesar de não aprovar a autonomia da ilha e ter como princípio a existência de apenas Uma China, admite a democracia de Taiwan, sua pluralidade partidária e o fato de ser uma província autônoma. É preciso lembrar que Taipei é mais globalizada que Pequim possuindo influências advindas de fora como por exemplo, os Estados Unidos.

Taiwan é considerado o oitavo maior parceiro comercial dos Estados Unidos, sendo os Estados Unidos o segundo maior parceiro comercial de Taiwan. Os dois governos possuem laços comerciais que vem se estreitando desde 2020 realizando o Diálogo de Parceria de Prosperidade Econômica a fim de aprimorar os laços econômicos e comerciais, incluindo segurança, resiliência da cadeia de suprimentos, triagem de investimentos, saúde, ciência e tecnologia. Taiwan é também a sétima maior fonte de estudantes internacionais dos Estados Unidos, enviando mais de 20.000 estudantes ao país. Os Estados Unidos também patrocinam oportunidades de estudo no exterior em Taiwan para estudantes americanos desde o ensino médio até os níveis de pós-graduação, com foco particular no aprendizado da língua mandarim. (U.S Department of State)

Para Woodward a globalização implica diretamente na identidade dos indivíduos, já que através dela há uma interação entre os fatores econômicos e culturais de determinado território, causando uma transformação nos padrões de produção e consumo. (WOODWARD,

2003) Dessa forma, Taiwan possui em seu território uma influência externa ocidental afetando diretamente a cultura da região, se afastando cada vez mais de alguns ideias chinesas. Diante deste fato, é possível entender o porquê de grande parte da população começar a se identificar como taiwaneses e não chineses.

Esse ideal e sentimento nacionalista preocupa os governantes chineses pois é evidente as tentativas de Taiwan em abrir espaço para uma independência. Para os chineses, a questão de Taiwan é vista como uma tentativa de superar o “século de humilhações” que foi o período do século XIX ao início do século XXI o qual o território foi colonizado por nações externas como o Japão, e a independência do território pode significar uma série de movimentos separatistas na China. (BARBOSA, 2016)

A ideia de uma Taiwan independente mexe intrinsecamente com a identidade nacional chinesa já que este era um território que foi de certa forma “tomado” pelas anexações coloniais. Conforme pontua Brown, tanto a experiência democrática como a influência do ocidente são ferramentas políticas usadas a fim de se criar uma identidade singular e própria, não possuindo apenas a China como um modelo a ser seguido. (BROWN, 2003)

Para aprofundar mais sobre a importância deste território é possível utilizar a teoria de Robert Sack, onde o autor enxerga a territorialidade como uma ferramenta geográfica que pode ser usada como uma forma de conquistar o controle social pelo domínio de uma determinada área. Essa territorialização não ocorre somente através da delimitação da área. Para que de fato haja a existência deste território, é necessário a criação de fronteiras que afetam diretamente o comportamento social da população mediante o controle de acesso pelas autoridades. Esse tipo de controle não ocorre somente através de mecanismos ligados ao espaço físico, ocorrendo também através de símbolos e sinais. (SACK, 1983)

Compreende-se então que para o autor, o território é um sistema que transpõe a relação entre os indivíduos e o espaço, colaborando para a definição de suas relações, ou seja, este processo se constitui através do espaço que os indivíduos exercem sua territorialidade, onde buscam influenciar ou até mesmo controlar outras pessoas, relações e fenômenos. “Por territorialidade humana quero dizer a tentativa de afetar, influenciar ou controlar ações e interações afirmando e tentando impor o controle sobre uma área geográfica”. (SACK, 1983, p. 55)

Se a teoria de Sack for usada nesse ângulo, é possível levantar a hipótese de que tanto a China como os Estados Unidos tentam praticar um certo tipo de territorialidade em Taiwan. Como argumenta Morgenthau em a Política entre as Nações, a política internacional é movida

continuamente pela busca e luta do poder político, portanto todas as tomadas de decisões destes dois países têm como fim a expansão de seu poder político e influência em Taiwan.

Por outro lado, muitos líderes chineses enxergam a questão de Taiwan como uma forma de segurança nacional de seu território, especificamente como sendo vulnerável à estratégia de cerco e contenção de potências estrangeiras, devido à proximidade da ilha. Essa perspectiva pode ser vista pela perspectiva chinesa de uma consciência histórica enraizada de que o mundo exterior seria uma ameaça, onde periodicamente atacaria suas periferias até o núcleo central do território causando a divisão e subjugação nacional. (BERGSTEN, 2009) Essa ideia se tornou concreta aos chineses, principalmente durante a ocupação japonesa no território taiwanês, quando a ilha era retratada como um “porta-aviões inafundável”, perdurando durante a Guerra Fria quando o governo nacionalista formou uma aliança com o governo americano permitindo a criação de bases militares na ilha. (BERGSTEN, 2009)

Muitos estrategistas chineses expõem a importância de conquistar o controle da ilha a fim de proteger o território chinês visto que a independência de Taiwan consistiria em um risco à China continental. Taiwan é vista como parte de um território ao redor da periferia marítima oriental chinesa, o qual inclui aliados americanos como, Japão, Coreia e Filipinas, estendendo-se a questão econômica decorrente do aumento dos fluxos comerciais e investimentos no estreito de Taiwan. (BERGSTEN, 2009)

Olhando pela perspectiva americana, obter uma influência na ilha significaria ter mais abertura no mercado econômico e cultural Chinês. A transição da ilha para uma sociedade democrática além de uma economia mais aberta, é algo que os Estados Unidos intrinsecamente esperam do continente, as liberdades políticas. A esfera econômica é um dos fatores que preocupa o governo americano a respeito da unificação do território, já que como foi dito anteriormente, Taiwan é um dos principais parceiros comerciais dos EUA. (BERGSTEN, 2009)

3 INTERESSE NORTE AMERICANO NA REGIÃO DE TAIWAN

A relação de Taiwan e os Estados Unidos se interliga desde a Segunda Guerra Mundial, quando a República da China estava sob o domínio do Partido Kuomintang de Chiang Kai Shek. Para o governo norte americano, a ascensão da República da China nas décadas de 1930 e 1940 eram de fato alinhadas aos interesses domésticos do país, o qual consistia em moldar a China sob à imagem ocidental, de forma cultural e até religiosa, de modo que tal relacionamento tomou de conta da mídia norte americana (BERGSTEN, 2009).

Washington usufruiu do governo de Chiang como uma propaganda anticomunista e um modelo a ser seguido, apesar de sua política não ser o que aparentava, seu governo não era tão democrático como se apresentava e sua relação com o cristianismo era inconstante. Quando o território foi ocupado pelos comunistas e o Partido Kuomintang ocupou Taiwan, o governo norte americano enxergou a ilha como uma última chance de transformar a China. Para Washington era primordial a proteção da ilha contra as forças comunistas de Mao Tsé-Tung, culminando na formalidade de seus laços diplomáticos com a República da China em Taiwan. (BERGSTEN, 2009).

Taiwan acabou se tornando um ponto estratégico na política de contenção do comunismo no leste asiático. Na medida que Taiwan crescia economicamente, os laços com os Estados Unidos se tornavam mais firmes, na década de 1980 a ilha chegou a se tornar um dos “tigres” da Ásia. Culturalmente, Taiwan parecia mais aberta do que o continente, fazendo com que os indivíduos que se interessavam em conhecer a cultura da região realizassem viagens turísticas para a ilha. Apesar de possuir um interesse na ilha, o governo americano se viu em um impasse, já que estrategicamente não seria fácil reconhecer diplomaticamente um pequeno governo exilado em uma ilha (BERGSTEN, 2009)

Como foi visto anteriormente, Washington estreitou seus laços com o continente chinês deixando de lado o foco em Taiwan, mas como não poderia abandonar a ilha, o país firmou um acordo de proteção dela, contudo afirmando que concorda com a existência de apenas uma China e que a questão de Taiwan deve ser solucionada de forma pacífica. Com o fim da Guerra Fria, o poder geopolítico de Taiwan diminuiu consideravelmente, no entanto, o governo americano se mantém firme em relação a sua aliança para com a ilha, visto que o rompimento de tal aliança afetaria seus compromissos estratégicos com o Leste Asiático (BERGSTEN, 2009).

O equilíbrio de poder na região se mantém principalmente pela presença dos EUA, o fato de Taiwan ter se tornado mais democrática, aberta, justa, e baseada no Estado de Direito, se torna mais um motivo para que o governo americano permaneça protegendo a região. Estrategistas norte-americanos afirmam que a questão de Taiwan para os Estados Unidos não indica a contenção da China, mas sim a garantia de que tal questão será resolvida pacificamente através do diálogo. (BERGSTEN, 2009)

Tal colocação pode ser comprovada pela teoria de Mearsheimer (2001). Diferentemente de outros teóricos realistas, o autor se afasta do realismo clássico,

caracterizando-se por um realismo ofensivo, o autor aponta que o foco principal de qualquer nação é a maximização de seu poder mundial. Para o autor, é necessário que as nações se fortaleçam para sobreviver em um ambiente anárquico que é o meio internacional e quanto maior o poder de uma nação mais difícil é para uma outra nação ameaçar ou ir contra o poder dela. Na visão de Mearsheimer (2001), os atores internacionais tendem a se comportar, de maneira agressiva uns contra os outros, desconfiando sempre de suas intenções e pensamentos.

A procura deste tipo de poder faz com que uma grande potência se torne um *hegemon*, para que o país seja classificado como um tal, é necessário que os poderes dessa nação sejam superiores à de todos os outros. Para o autor, essa hegemonia é conquistada através de diferentes meios, sendo necessário que a potência tenha a possibilidade de utilizar a força por meio da guerra e/ou da chantagem, por esse motivo é imprescindível que tal nação possua um forte poderio militar e econômico:

Grandes potências são determinadas em grande parte com base em sua capacidade militar relativa. Para se qualificar como uma grande potência, um estado deve ter meios militares suficientes para travar uma luta séria em uma guerra convencional total contra o estado mais poderoso do mundo. (MEARSHEIMER, 2001, p. 3)

Partindo dos conceitos apresentados por Mearsheimer, a disputa entre China e Estados Unidos no ambiente internacional é uma disputa hegemônica. Tendo em vista o crescimento chinês, o país passou a competir em diversos âmbitos com as demais nações, principalmente os Estados Unidos. A política internacional do governo norte americano, atualmente, tem como objetivo uma contenção à ascensão chinesa considerando que a sobrevivência das grandes nações só pode ser garantida através de sua hegemonia regional, os EUA têm buscado fortalecer alianças com atores da Ásia do Nordeste e do Pacífico Sul além das nações europeias (CARAMURU, 2022).

Por outro lado, a China tenta se estabilizar ainda mais no ambiente internacional, montando uma gama de alianças com países de todas as regiões, estreitando relações com o governo russo, além ampliar o diálogo e o relacionamento criado com a Europa. (CARAMURU, 2022). Mearsheimer (2014) prevê que a ascensão chinesa não será feita de forma pacífica, o autor acredita em um possível conflito armado entre China e Estados Unidos e que tal conflito seria mais provável do que um conflito entre Estados Unidos e Rússia:

Estamos passando, pela primeira vez em nossa história, por uma transformação fundamental nas nossas prioridades estratégicas. A Ásia se tornará a área mais importante para os Estados Unidos, com o Golfo Pérsico se tornando a segunda área mais importante, e a Europa se tornará a terceira. Assim, se a China continuar a ascender, certamente nós a encontraremos nessas regiões. (MEARSHEIMER, 2016, p.31)

Observando que essas nações caíam na chamada “Armadilha de Tucídides”, para Mearsheimer, é primordial que a política internacional norte-americana esteja focada na contenção chinesa, dada a possibilidade desse país se tornar um hegemom. Na visão do autor, o governo russo partilharia da ideia de contenção da China tendo em vista que o país seria um forte aspirante hegemônico do continente Euroasiático, podendo ser um forte aliado das iniciativas norte-americanas. Contudo, tal aliança não significaria a troca hegemônica entre China e Rússia já que o objetivo principal seria a impossibilidade de qualquer um dos dois se tornar um hegemom (MEARSHEIMER, 2014).

Ainda cabe ressaltar que apesar de seu crescimento acelerado, o governo chinês possui um longo caminho e desafios pela frente para se tornar uma grande potência no mesmo nível que os Estados Unidos, visto que o país possui um sistema político divergente dos demais e pouco transparente. O modelo chinês reforça e defende o multilateralismo das instituições e dificilmente seria reproduzido sem os aspectos culturais que o envolvem. Apesar de confiar que suas ideias estejam corretas, os líderes chineses afirmam não possuir um interesse em exportar sua ideologia para outras regiões.

Um dos pontos mais fortes da região de fato é sua economia e capacidade tecnológica. No entanto, possuir uma força somente nesses blocos não seria suficiente para o país se tornar um hegemom (CARAMURU, 2022). Apesar de Mearsheimer acreditar em um possível conflito armado entre China e Estados Unidos, em seus pronunciamentos oficiais, o governo chinês expõe não possuir interesse em movimentar o *status quo* vigente, a menos que este interfira diretamente em sua política doméstica, que acaba por explicar as atitudes tomadas principalmente no ano de 2022 no estreito de Taiwan.

Para a China, a proteção de sua soberania nacional e sua integridade territorial é primordial e o compromisso da unificação com a região de Taiwan é uma de suas principais pautas. (MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE THE PEOPLE 'S REPUBLIC OF CHINA, 2022) Para os líderes chineses, a presença de outras nações na região é uma interferência direta na soberania do país e em suas políticas domésticas.

O governo chinês nega as acusações de que o país possui uma intenção expansionista, esclarecendo que a China não dispõe do propósito de ameaçar a posição de qualquer nação, manifestando o apreço que a nação tem pela paz além de buscar um desenvolvimento pacífico. Deixa claro também que o progresso de seu arsenal de defesa se dá às necessidades de proteção de seu território, além de se posicionar contra o desenvolvimento e uso de armas nucleares, mantendo o nível mínimo das capacidades nucleares apenas para a segurança nacional. (MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2022)

Contudo, em seu pronunciamento mais recente, o governo americano expressa a preocupação em torno das novas investidas chinesas acusando o país de inovar praticamente todo seu exército a fim de influenciar e coagir seus vizinhos, ameaçando seus interesses domésticos. Tendo em vista os exercícios militares realizados no estreito de Taiwan, Washington atenta-se às ações chinesas alegando os riscos da estabilidade e manutenção da paz na região, sendo um desafio para o departamento que passou a considerar a China como uma grande ameaça ao País, tendo a intenção de dissuadir o poder tanto da China como da Rússia (US DEPARTMENT OF DEFENSE, 2022)

Em outubro de 2022, o presidente chinês Xi Jinping conquistou seu terceiro mandato como secretário geral do partido comunista, conquistando seu espaço como o governante mais influente da China desde Mao Tsé-Tung. O novo mandato regressa com algumas mudanças sendo uma delas a centralidade de Xi no partido, fazendo com que o poder em torno do presidente cresça ainda mais. O comitê Central conta com 205 membros do partido, excluindo o ex-primeiro-ministro Li Keqiang e o ex-chefe do partido de Guangdong, Wang Yang. (AGÊNCIA BRASIL, 2022)

A exclusão desses atores políticos demonstra que o Comitê Permanente do Politburo (CPP) será repleto de pessoas próximas ao Presidente chinês. Li Keqiang foi uma das únicas vozes contrárias a Xi Jinping, é de se esperar, que sua exclusão signifique a diminuição dos pesos e contrapesos dentro do Comitê, dando plena liberdade ao Presidente na tomada de decisões. (AGÊNCIA BRASIL, 2022) Em relação a Taiwan, acredita-se que a posição da China continuará a mesma onde o país defende sua integridade territorial, além de ser contra a independência da ilha e a favor da política de uma só China.

Dada a intensa movimentação no estreito de Taiwan, percebe-se que o posicionamento do governo chinês não será alterado como foi exposto em diversas declarações oficiais. Caso

o governo americano continue a incentivar a independência da ilha, como é visto pela China, é de esperar que as piores provocações sejam projetadas no âmbito econômico, através de embargos e taxações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o conflito de Taiwan sob uma ótica realista, é possível se observar que tanto Estados Unidos como a China, possuem um interesse totalmente político sob a região, não necessariamente se preocupando com os problemas internos dela, levando em conta somente seus próprios interesses domésticos e a expansão do seu poder político. Apesar de os Estados Unidos aparentarem ser apenas um parceiro comercial e protetor da região, seguindo as ideias de Mearsheimer e Morgenthau, a aliança firmada entre as duas partes significa um meio de facilitar a integração dos ideais americanos na região pacífico asiático a fim de aumentar sua influência na região.

É possível concluir, que a população de Taiwan não se sente pertencente à China, não enxergando um motivo plausível para a unificação dos dois territórios, para muitos, o território já é independente só não oficialmente. Em seus pronunciamentos oficiais, o governo chinês deixa exposto que um dos principais objetivos do governo é a unificação do território através do diálogo e de forma pacífica, contudo, não permitindo a independência da ilha ameaçando de forma clara que caso tal ação seja executada, Pequim não descarta o uso da força para impedir o acontecimento. Mesmo que a maior parte da população de Taiwan não seja a favor da unificação, suas opiniões não são levadas em conta, trazendo outras problemáticas para o tópico. Como funcionaria essa unificação?

Sabe-se que o sistema político vigente em Taiwan é contrário ao sistema chinês, e tem sido assim por décadas, caso essa unificação ocorra, questiona-se em como o governo chinês lidaria com a divergência de ideais, além de que Taiwan possui muitas características de um país independente e uma organização interna consolidada, a unificação de dois sistemas políticos contrários poderiam significar uma série de conflitos internos e divergências políticas. Outra preocupação é como o ambiente internacional reagiria a tal acontecimento, em específico os Estados Unidos.

Apesar de o governo americano ser favorável a unificação, de forma pacífica, a integração do território poderia significar algumas perdas consideráveis aos Estados Unidos,

que possui alianças importantes com a ilha, portanto, é difícil saber qual seria de fato, o posicionamento de Washington em relação a unificação. Existem muitos desafios a serem enfrentados em relação a essa temática, para o governo americano, fica claro que a visão chinesa de uma "ascensão pacífica" não condizem com as recentes ações tomadas pela potência, a qual tem buscado reduzir a disparidade do poder militar com os EUA.

Portanto, a fim de evitar um conflito direto, espera-se que China e Estados Unidos possam encontrar meios pacíficos para resolver suas divergências políticas e a coexistir no ambiente internacional. Em relação a Taiwan, é notável que o governo chinês possui muitas dificuldades a serem enfrentadas, possuindo um longo caminho pela frente caso o país permaneça com o objetivo de unificar o território, é esperado que a potência consiga solucionar a questão diplomaticamente sem um confronto direto.

REFERÊNCIAS

AFP, Afp. *Taiwan cuts funding for flag-bearing Olympian who wore China uniform: speed skater Huang Yu-ting hit a nerve after she posted a clip on social media in January wearing China's team outfit..* In: AFP, Afp. Hong Kong: Hong Kong free press, 4 mar. 2022. Disponível em: <https://hongkongfp.com/2022/03/04/taiwan-cuts-funding-for-flag-bearing-olympian-who-wore-china-uniform/>. Acesso em: 1 out. 2022.

BARBOSA, Vinicius. Quem se importa com Taiwan?. 2016. Artigo (Relações Internacionais) - Centro Universitário Tabosa de Almeida, [Http://repositorio.ascs.edu.br/handle/123456789/191](http://repositorio.ascs.edu.br/handle/123456789/191), 2016.

BENG, Su. *Taiwan's 400 Year History*. [S. l.: s. n.], 1962.

BERGSTEN , C. Fred; FREEMAN, Charles; LARDY, Nicholas R.; MITCHELL, Derek J. Why Does the United States care about Taiwan?. In: CHINA'S RISE: CHALLENGES AND OPPORTUNITIES. United States: Center for Strategic and International Studies, 2009. cap. 8, p. 169-186. ISBN 978-0-88132-434-1.

BROWN, Melissa. *Is Taiwan Chinese?* Berkeley: University of California Press, 2003. P. 1-40

CARRIÇO, Alexandre. *A Diplomacia Militar da China: Tipologia, Objetivos e Desafios: Instituto da Defesa Nacional*. Lisboa Fevereiro de 2015.

CARAMURU, Marcos. China-EUA: uma leitura da trajetória da disputa pela hegemonia. Centro Brasileiro de Relações Internacionais, [s. l.], v. 2, ed. 1, p. 53-68, 2022.

COELHO, Arthur. *A Crise no Estreito de Taiwan (1995-1996) E as relações entre ESTADOS UNIDOS, CHINA E TAIWAN*. Cena Internacional, ano 2007, v. 9, ed. 1, p. 57-81, 2007

COOPER, John. Taiwan. *Nation-State or Province?* Boudler. Westview, 2003.

DEPARTMENT OF STATE (United States). U.S. Relations With Taiwan: BUREAU OF EAST ASIAN AND PACIFIC AFFAIRS. In: U.S. Relations With Taiwan: BUREAU OF EAST ASIAN AND PACIFIC AFFAIRS. United States, 28 maio 2022. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-taiwan/>. Acesso em: 19 set. 2022.

DEPARTMENT OF DEFENSE OF THE UNITED STATES. National Defense Strategy, 2022. Disponível em: <https://media.defense.gov/2022/Oct/27/2003103845/-1/-1/1/2022-NATIONAL-DEFENSE-STRATEGY-NPR-MDR.PDF> Acesso em: 20 out. 2022.

Defining a new security architecture for Europe that brings Russia in from the Cold,” Military Review, v. 96, n. 3 p. 27-31, May/June 2016a. Disponível em: <http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/Military%20Review.pdf> . Acesso em: 20 out. 2022.

Faulty Powers: Who Started the Ukraine Crisis? Foreign Affairs, v. 93, n. 6, p. 167-171, Nov/Dec. 2014b. Disponível em: <http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/Faulty%20Powers.pdf> . Acesso em: 20 out. 2022.

LANE, Barnaby. *A Taiwanese Olympic speed skater sparked outrage by practicing in a China uniform, then brushed it off by quoting Taylor Swift*. In: Nova Iorque: Insider, 3 fev. 2022. Disponível em: <https://www.insider.com/taiwanese-speed-skater-huang-yu-ting-seen-wearing-china-uniform-2022-2>. Acesso em: 1 out. 2022.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Editora escala, São Paulo.

MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. New York W. W Norton & Company, 2001.

MENDES, Carmen. *O conflito no estreito de Taiwan: "Uma China, Uma Nação, Dois Lados?"*. Leiria, ano 2004, p. 175- 195, 2004.

MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE THE PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA, Defense Policy. Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/defense-policy/index.htm>. Acesso em: 20 out. 2022.

MORGENTHAU, Hans Joachim. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Editora Universidade de Brasília, 2003, p. 3-97.

SACK, Robert. *Human Territoriality: A theory*. Association of American Geographers, Madison, Wisconsin, p. 55-74, 1983.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: UMA INTRODUÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL*. In: WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart; SILVA, Tomaz. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. [S. l.]: Editora Vozes, 2003. p. 7-47.